

# DOCUMENTÁRIO

---

## UM EMIGRANTE FRANCÊS NO BRASIL: JEAN ETIENNE SERAINE (1827-1854) (\*).

---

Há vinte anos atrás, ao estudar a carreira do politécnico Louis Vauthier, Gilberto Freyre revelava a extensão e a variedade dos aspectos de que se revestiu a influência exercida pelos franceses no Brasil, ao findarem as grandes guerras napoleônicas. Outros trabalhos mais minuciosos vieram precisar certos pontos do papel desempenhado, no século XIX, por êsses emigrantes temporários ou definitivos (1). Os documentos que aqui publicamos, acrescentarão um toque novo a um quadro ainda apenas em esboço, mas que merece, sem dúvida, ser um dia retomado e completado pelos historiadores franceses e brasileiros.

\*

E' conhecida a fórmula de Sílvio Romero:

“Desde os fins do século XVIII, o pensamento português deixou de ser o nosso mestre. Fomos nos habituando a interessar-nos pelo que ia pelo mundo” (2).

---

(\*) — Este pequeno artigo deve muito a M. e Mme. Payen de Paris, que nos transmitiram as cartas de Jean Etienne Seraine e nos deram permissão para publicá-las; ao Professor João Cruz Costa que nos beneficiou com seu perfeito conhecimento da História Brasileira; ao Dr. Florival Seraine que nos ofereceu informações preciosas sobre seu bisavô Jean Etienne; a Maria Odila Leite da Silva Dias que traduziu estas páginas e efetuou para nós numerosas pesquisas.

(1). — Gilberto Freyre, *Um engenheiro francês no Brasil*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1940 (Documentos brasileiros, 26); *Diário íntimo do engenheiro Vauthier, 1840-1846*. Prefácio e notas de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Ministério da Educação e Saúde, 1940 (Publicações do Serviço do Patrimônio, 4); Emília Nogueira, *Alguns aspectos da influência francesa em São Paulo na segunda metade do século XIX*, in “Revista de História”, n. 16, outubro-dezembro, ano IV, 1953, págs. 317-342. Pode-se ver também sobre Septime Gorceix, fundador da Escola de Minas de Ouro Preto, *Une grande oeuvre française au Brésil*, in “Révue de L'Amérique latine”, t. XIV, n. 70. O papel dos franceses no Brasil foi ainda evocado quando da exposição França-Brasil que teve lugar no Arquivo Nacional de Paris em 1955 (ver sobre o assunto a notícia escrita por Roger Bastide, no Catálogo dessa exposição. Guilherme Deveza, *Um precursor do comércio francês no Brasil*, in “Revista de História”, t. V (1952), págs. 75-92 e 353-371; t. VI (1953), págs. 123-141; t. IX (1954), págs. 283-306; t. X (1955), págs. 209-237.

(2). — Sílvio Romero, *História da Literatura Brasileira*, t. II, pág. 151.

O mundo é nessa época para os brasileiros a Europa e, mais especificamente, a Inglaterra, a França e a Alemanha. Um sôpro de ar europeu — brisa ainda bem leve! — fêz-se sentir desde a década de 1790 e disso encontramos indícios na infeliz Inconfidência Mineira. A elite culta brasileira dispõe-se a acolher com paixão tôdas as influências do estrangeiro (3). A chegada da Côrte de Lisboa ao Rio de Janeiro, sob a escolta de um esquadrão naval inglês (no que se pode ver um símbolo), é o acontecimento que precipita uma evolução já ocultamente incitada. Desmorona-se bruscamente a barreira erguida em tôrno do Brasil, pela tradicional política colonial. Na verdade, a dependência na qual se encontra a dinastia de Bragança em relação a Londres, parece de início reservar apenas aos britânicos os benefícios da emancipação econômica e intelectual da colônia, logo promovida à condição de estado independente. Mas êsse privilégio precário é logo abolido pelas conseqüências da queda de Napoleão. Cêdo se espalham as novas de que foram abolidos, de direito ou de fato, os privilégios durante séculos cumentamente mantidos pelas metrópoles — Espanha e Portugal. O restabelecimento da paz, o fim do bloqueio continental drenam para a América os homens e as mercadorias de uma Europa aliviada do pêso das guerras.

Tudo isso é bem conhecido. Os “pequenos anúncios” aparecidos na imprensa brasileira constituem uma fonte tão rica e pitoresca, que permitiu a Gilberto Freyre, graças a uma utilização habilidosa, mostrar em sua plena atividade a multidão de artesãos, de comerciantes, de engenheiros e mesmo de aventureiros ingleses e franceses, os quais foram, sem disso ter consciência, os viajantes incumbidos da cultura e da técnica do velho mundo, num país em vias de uma “re-europeização” (4).

Se os imigrantes europeus, buscando antes de mais nada o lucro pessoal, ignoram a importância de sua função cultural, a jovem nação brasileira procura, pelo contrário, muito conscientemente, aproveitar em seu benefício os recursos intelectuais, artísticos e técnicos da Europa.

---

(3). — João Cruz Costa, *Contribuição à História das Idéias no Brasil*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1956 (*Documentos brasileiros*, 86), págs. 58 e seguintes. Essa obra é o prefácio indispensável para todo estudo aprofundado sôbre a influência européia no Brasil.

(4). — Além dos trabalhos de Gilberto Freyre citados na nota 1, ver do mesmo autor, *Inglêses no Brasil. Aspectos da influência britânica sôbre a Vida, a Paisagem e a Cultura do Brasil*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1948 (*Documentos Brasileiros*, 58). A fórmula “re-europeização” é de Gilberto Freyre, em *Sobrados e Mucambos*.

“Uma espécie de euforia geral invadia a nação. Há entusiasmo por tudo, principalmente por aquêles instrumentos capazes de engendrar progressos no domínio espiritual e material” (5).

Ora, não parece que se tenha ainda estudado, com a merecida amplitude, essa manifestação concreta do entusiasmo universalmente sentido no século XIX pelas coisas do Velho Mundo. Não é verdade que, desde os fins das guerras napoleônicas, uma ampla política oficial de “recrutamento” foi promovida pelo Brasil na Europa? E’ conhecida a célebre missão artística de 1816, cujos membros vieram da França a convite de D. João VI. Temos, graças a testemunhos contemporâneos, dados sôbre os métodos empregados pelo govêrno imperial brasileiro, por volta de 1824, para recrutar na Alemanha aquêles mercenários cujo motim deveria, quatro anos mais tarde, ensanguentar o Rio de Janeiro. Um certo Schäffer, favorito da imperatriz Leopoldina, operava em Hamburgo, sob o disfarce de uma missão diplomática (6). Auxiliado por alguns personagens de reputação duvidosa, êle fazia embarcar de tropel para o Brasil jovens em busca de aventuras, facínoras saídos das galeras de Mecklemburgo, camponeses e artesãos desejosos de fazer fortuna em terras novas. Chegados ao Rio, todos os homens mais ou menos válidos ingressavam de bom grado ou a força nos batalhões estrangeiros de granadeiros ou caçadores, então em vias de formação. E’ por essa mesma época que se recrutam colonos na Suíça, mercenários na Irlanda, e que se arregimentam na Alemanha os elementos de uma engenhosa companhia, alguns antigos soldados que serviram depois em Recife, por volta de 1840, sob os olhares do engenheiro francês Vauthier (7). Êsse politécnico, cuja carreira brasileira é bem conhecida e que, de 1841 a 1846, desempenhou um papel importante na Capital da Província de Pernambuco, fôra contratado na França pelas próprias autoridades provinciais e não pelo govêrno do Rio de Janeiro. A política de recrutamento de téc-

---

(5). — J. Cruz Costa, op. cit., pág. 64.

(6). — C. Schlichthorst, *O Rio de Janeiro como é. 1824-1826*. (Huma vez e nunca mais), Rio de Janeiro, Getúlio Costa, 1943 (traduzido e anotado por Emmy Dodt e Gustavo Barroso). Sôbre Schäffer, assim se exprime Schlichthorst (pág. 14): “observando de mais perto as relações, as ações e as ocupações dêsse cavalheiro, achei-o uma espécie de traficante de carne humana”. Esse Schäffer deixou uma obra intitulada *Brasilien als unabhängiges Reich* (O Brasil como país independente).

(7). — Gilberto Freyre, *Um engenheiro francês e Diário íntimo de Vauthier*, já citados (nota 1):

nicos estrangeiros, cujo exemplo fôra dado pela administração real, depois imperial, estendeu-se pouco a pouco por todo o país. E, a medida que tomam o poder as gerações educadas à maneira européia — quando não o eram na própria Europa — tornam-se cada vez mais freqüentes os apelos oficiais das administrações locais a estrangeiros, contratados graças à intervenção de agentes diplomáticos brasileiros na Europa ou recrutados aqui mesmo. Uma busca cuidadosa nos artigos, nas obras e nos documentos já publicados permitiria, sem dúvida, medir de uma vez a amplitude e as conseqüências dêsse movimento (8).

Mas é preciso também perguntar-se que tipos de homens respondem ao apêlo do Brasil e quais os motivos que os levam a proceder assim. O simples bom senso sugere várias respostas. As tempestades provocadas em tôda a Europa pelas conquistas da Revolução e do Império haviam largado mais de um destroço às margens. Oficiais bonapartistas, homens políticos comprometidos, procuram pôr-se a salvo, uma vez restabelecida a antiga ordem. O desêjo de aventura e a atração da riqueza desempenhavam, bem entendido, seu eterno papel (9). Os comerciantes, informados da abertura de um mercado imenso, lançavam-se à sua conquista. Após 1808 as frotas inglêsas despejavam sôbre o Rio os mais heteróclitos produtos da indústria britânica.

Tôdas essas explicações são, bem entendido, válidas. São porém, um tanto simples demais. Aventureiros, mercenários, comerciantes, “técnicos”, colonos: essa enumeração não é suficiente. Os arquivos dos consulados inglêses, suíços, franceses, alemães... poderiam oferecer, a quem os consultasse sistematicamente, informações mais precisas; permitiriam eventualmente levantar estatísticas e, porque não, fornecer os elementos de um estudo “sociológico”-sumário da emigração européia do século XIX, pelo menos daquela anterior ao grande afluxo de mão-de-obra, provocado pela expansão da cultura cafeeira e abo-

- 
- (8). — Ver os exemplos citados por Gilberto Freyre, em *Um engenheiro francês*, págs. 92 e seguintes: contratações do engenheiro alemão Bloem, do engenheiro francês Boyer; tentativa de contratar na Holanda um engenheiro encarregado de perfurar poços artesanais etc... para a Província de Pernambuco. Do Ceará parte para a Europa o Dr. Marcos Antônio de Macedo e volta a Fortaleza em 1838, trazendo vários trabalhadores franceses (Barão de Studart, *Estrangeiros e Ceará*, in “Revista do Instituto do Ceará”, t. XXII (1918), págs. 197-199.
- (9). — “No outono de 1824, anseios extravagantes de ser feliz e de gozar a vida, desejos que se não realizaram e esperanças que se frustraram levaram-me a uma viagem ao Brasil... Eu tinha vindo para o Brasil com o firme propósito de fazer fortuna” (C. Schlichthorst, *ob. cit.*, págs. 13 e 67).

lição da escravidão (10). Talvez a emigração européia para o Brasil de 1816 a 1890 tenha sido, antes de mais nada, uma emigração de “qualidade” e não uma remessa, em massa, de mão-de-obra miserável. Portanto, convém indagar porque razão optaram pelo Brasil homens que podiam relativamente escolher seu destino (América do Norte, territórios espanhóis da América Latina). Não estaria a resposta numa verdadeira propaganda brasileira posta em prática, desde 1820, para manter a

- (10). — Gilberto Freyre foi o iniciador de um estudo desse gênero e êle próprio realizou-o parcialmente nas suas obras consagradas aos ingleses e franceses no Brasil. O Dr. M. Neeser, de Salvador, graças ao manêjo sistemático dos arquivos consulares suíços, preparou um trabalho, infelizmente ainda inédito, sobre os suíços estabelecidos no Brasil. Um estudo consagrado à imigração alemã no Brasil e especialmente ao papel desempenhado por Karl von Koseritz, está em curso de aparição nas edições Anhembi: Wilson Martins, *Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná* (São Paulo, Anhembi, 1955). Sobre a imigração no século passado, temos do Visconde de Taunay, *Estrangeiros ilustres e prestimosos no Brasil, 1800-1892* (São Paulo, Melhoramentos, 1932). Como obra mais ampla, temos de Eduardo da Silva Prado, *Imigração* (Em Prado, E. P. da S. Collectaneas, São Paulo, 1904, 1906, volume I) e o volume VIII da *História do Café no Brasil* [(Rio de Janeiro, Departamento Nacional do Café, 1939)] de Afonso de E. Taunay. Além de estudos mais especializados e relatórios oficiais brasileiros, há uma vasta bibliografia estrangeira sobre o assunto, incluindo obras de jornalistas e viajantes que estudaram as condições da imigração. Vicenzo Grossi, *Storia della colonizzazione al Brasile e della Emigrazione Italiana nello Stato di S. Paulo* (2a. edição, Milão, 1914). De Arsène Isabelle, *Emigração e Colonização na província brasileira do Rio Grande do Sul, na República Oriental do Uruguai e em toda a Bacia do Prata* (trad. de Belfort de Oliveira, Rio de Janeiro, Souza, 1950). De Hippolyte Carvalho, *Études sur le Brésil au point de vue de l'émigration et du commerce français* (Paris, Chez Garnier Frères, 1858). Ballard S. Dunn, *Brazil, the home for southerners...* (New York, G. B. Richardson, 1866). Michael G. Molhall, *Rio Grande do Sul and its German Colonies* (London, Longmans Green and Co., 1873). Johann Jacob von Tschudi, *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo, Introdução de Afonso de E. Taunay*, trad. de E. de Lima Castro, São Paulo, Livraria Martins Editôra, 1953 (Biblioteca Histórica Paulista, vol. 5). Roberto Avé Lallement, *Viagem pelo sul do Brasil no ano de 1858*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1953. São também ricos em dados os relatos espontâneos de viagens como os de Augusto de Saint Hilaire. Para as Províncias do Norte é inestimável a obra de Henry Walter Bates, *O Naturalista no Rio Amazonas*, trad. de Cândido De Melo Leitão, Brasillana, 1944. E ainda, Daniel P. Kidder, *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil (Províncias do Norte)*, trad. de Moacir N. Vasconcellos, Livraria Martins Editôra (Biblioteca Histórica Brasileira, volume XII). Robert Avé Lallement, *Reise durch Nord-Brasilien im Jahre 1859*, Leipzig, F. A. Brockhaus, 1860. Existem alguns preciosos testemunhos pessoais dos próprios imigrantes, como o do colono suíço Thomaz Davatz, *Memórias de um Colono no Brasil* (1850), trad., pref. e notas de Sérgio Buarque de Holanda, São Paulo, Livraria Martins (Biblioteca Histórica Brasileira, vol. V); como o do jornalista Carl von Koseritz, *Imagens do Brasil*, trad. e notas de Afonso Arnos de Melo Franco, São Paulo, Livraria Martins Editôra, 1941 (Biblioteca Histórica Brasileira, vol. XIII); ou os relatos de mercenários, imigrantes temporários, como o de Carl Seidler, *Dez anos no Brasil*, trad. e notas do General Bertoldo Klinger; pref. e notas do coronel F. de Paula Cidade, São Paulo, Livraria Martins Editôra (Biblioteca Histórica Brasileira, vol. VIII).

campanha de recrutamento empreendida pelas autoridades oficiais?

Nas encantadoras memórias que deixou sobre sua estadia no Brasil entre 1824 e 1826, escreveu o jovem emigrante alemão C. Schlichthorst:

“Propalou-se na Alemanha, oralmente e por escrito, uma opinião exagerada sobre esse maravilhoso país” (11).

Não foi, sem dúvida, por acaso que Georges Henri von Langsdorf (viajante alemão que se tornou cônsul da Rússia no Rio de Janeiro desde 1813) editou em Paris, em 1820, em língua francesa, uma *Mémoire sur le Brésil pour servir de guide à ceux qui désirent s’y établir*, brochura traduzida para o português por A. M. Sampaio e reeditada no Rio de Janeiro em 1822 (12). De fato, após a queda de Napoleão, um desejo de evadir-se parece tomar conta dos europeus, que as hostilidades permanentes haviam, por assim dizer, enclausurado dentro dos limites de seu continente durante uma quinzena de anos. Ressurge, então, o movimento de exploração científica do globo que marcara os últimos anos do século XVIII. Multiplicam-se os relatos de viagens longínquas. O romantismo havia, de resto, colocado o exotismo em moda. Atendo-se apenas à França, vê-se aparecer uma *Histoire du Brésil (depuis sa découverte en 1500 jusqu’en 1810)*, publicada em 1815 por Alphonse de Beauchamp; *Le Brésil ou histoire, moeurs, usage et coutumes des habitants de ce royaume*, por Hippolyte Taunay e Ferdinand Denis (1822); *Promenade autour du monde de Jacques Arago*; *Aperçu d’un voyage dans l’intérieur du Brésil* de Augusto de Saint Hilaire (1823); *Voyage autour du monde* de Louis de Freycinet (1827). A Europa, portanto, impressiona-se pelo Brasil. As minas fabulosas, a beleza paradisíaca da baía do Rio de Janeiro, as florestas intermináveis, os rios imensos, as tribos indígenas: eis o quinhão do exotismo, apelando para o desejo de aventura. Por outro lado, temos a obra de Anglievel la Baumelle (*De l’empire du Brésil considéré sous ses rapports politiques et commerciaux*, Paris, 1823); a brochura de Ed. Gallès (*Du Brésil ou observations générales sur le commerce et les douanes de ce pays*, Paris, dezembro de 1828); os *Documents relatifs au commerce des nouveaux États d’Amérique*

(11). — C. Schlichthorst, ob. cit., pág. 18.

(12). — G. H. von Langsdorf é ainda o autor de *Voyages and travels in various parts of the World during the years 1803, 1804, 1805, 1806 and 1807*. London, Henry Colburn, 1813 (ed. original em alemão). E sobre as viagens de Langsdorf, existe o livro de Hércules Florence, *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas. De 1825 a 1829* (trad. do Visconde de Taunay, edição Melhoramentos).

**communiqués... aux principales chambres de commerce** da França: eis a contribuição não menos importante do espírito de lucro (13). Quinze anos depois do desaparecimento do Império Napoleônico, constituiu-se, sem dúvida, a propósito do Brasil, um **stock** de idéias ao mesmo tempo muito românticas e muito realistas. São essas as idéias que arrastam os emigrantes.

\*

Jean Etienne Seraine, autor das cartas que aqui publicamos, desembarcou no Rio de Janeiro, em 4 de março de 1827 (14). Seus ancestrais, oriundos da Champagne —

“l’honorable, grande et très ancienne famille des Seraines de Conflans” —,

pertenciam à pequena burguesia provincial e haviam enriquecido no comércio da madeira (15). Nasceu em Villenauxe, cidade do atual departamento do Marne, no dia 18 de fevereiro de 1781. Alguma rusga inexplicável, provocada talvez pelo desejo de fugir ao meio familiar, por demais calmo e tradicional, quando toda Europa estava abalada pela aventura napoleônica, fez com que abandone para sempre sua pequena cidade natal; estamos em 1806 e êle tem vinte e cinco anos. Percebe-se, apesar da discreção de sua correspondência, as maldições terríveis que se abateram então sobre o filho pródigo: **tous me lancèrent anathèmes**. Teria, graças a alguma proteção poderosa, ingressado na administração imperial? E’ o que deixa entender: ocupou, diz êle, alguns **grands emplois** na França e na Holanda até 1813 e, em seguida, de 1814 a 1820, na França (16). Ao que podemos deduzir, sua hostilidade para com Bourbons acarretou-lhe uma demissão, embora tardia. Levou, de 1820 a 1827, uma vida sem dúvida difícil na França:

“si j’ai quelquefois connu le malheur, je n’ai jamais connu la misère”...

- 
- (13). — A lista dessas obras foi tirada do precioso artigo de Guilherme Deveza, **Um precursor do comércio francês no Brasil** (ver acima, nota 1) que fornece uma soma considerável de dados sobre as relações econômicas entre a Europa e o Brasil nos inícios do século XIX.
- (14). — Com exceção de alguns pormenores, cuja fonte será indicada, todos os dados sobre J. E. Seraine provêm das cartas aqui publicadas e, principalmente, da carta de 7 de agosto de 1853.
- (15). — Esses dados foram fornecidos pelos descendentes atuais dessa família.
- (16). — As pesquisas efetuadas no Arquivo Nacional de Paris e nos Arquivos do Ministério da Guerra Francês não nos permitiram encontrar traço de J. E. Seraine. E’ preciso, portanto, confiar na sua palavra.

Emigra em 1827, em companhia de sessenta **demi-solde** (17), completamente despojados e obrigados a se expatriar por causa de suas opiniões contrárias ao regime da Restauração.

E' de se lamentar muito que Jean Etienne Seraine nada nos diga sôbre as razões precisas que o levaram a escolher o Brasil como refúgio. O regime político que desfrutava o jovem império americano já era tido na Europa como muito liberal (18). Além disso, talvez uma certa lenda brasileira se tivesse espalhado pelos meios bonapartistas. Alguns conspiradores não tiveram a intenção de arrebatam o Imperador de Santa Helena para conduzi-lo até o Brasil? Pode ser, enfim, que os oficiais companheiros de exílio de Jean Etienne alimentassem a esperança de se empregar nos batalhões de mercenários que D. Pedro organizava então (19). Esperança desfeita — se jamais existiu — pois a maioria dêles se perdeu na imensidade brasileira, em busca de uma fortuna hipotética.

Seraine preferiu estabelecer-se no Rio de Janeiro. Espírito lúcido, compreendeu imediatamente quais as possibilidades que lhe eram oferecidas por êsse país novo, onde êle desembarcava sem fortuna, aos quarenta e seis anos de idade.

“Je me suis fié à mes forces. Dans un pays où les sciences étaient encore dans l'enfance, j'étais certain de mes heureux succès”.

De fato, êle havia tido a sorte de cultivar por gôsto pessoal, num tempo em que a instrução escolar repousava tôda sôbre as humanidades clássicas, as disciplinas que seriam as mais úteis no Brasil do século XIX:

“J'étais approfondi dans les mathématiques, géographie, la géologie, l'arpentage et la construction d'édifices”.

Uma vez aqui, como todos os recém-chegados, oferece seus serviços a **Messieurs les Propriétaires**, inserindo pequenos anúncios nos jornais do Rio. Tem a sorte de alcançar bom êxito no seu primeiro trabalho: um **ouvrage de luxe**, que lhe fôra encomendado pelo ministro plenipotenciário da Áustria. Ei-lo “encaminhado”. Durante sete anos, meio engenheiro, meio arquiteto, êle passará da construção de engenhos de açúcar à drenagem de pântanos.

(17). — Expressão usada no período da Restauração para designar os soldados do exército imperial postos em disponibilidade (T).

(18). — Ed. Gallès, por exemplo, sublinha na brochura comentada por G. Deveza, a extensão das liberdades políticas brasileiras.

(19). — C. Schlichthorst, ob. cit., pág. 277 faz uma lista dos oficiais mercenários. Nela figura um certo número de franceses.



Embora êsses trabalhos lhe tenham valido **une grande réputation**, percebe-se que aceitou, como uma promoção social, a proposta que lhe foi feita em 1834 pelo Senador José Martiniano de Alencar de dirigir os trabalhos públicos do Ceará, com o salário **d'un conto deux cents milreis**. Esse acontecimento tão importante na vida de Jean Etienne Seraine pareceria todavia bem insignificante ao historiador se não conferisse, de um momento para o outro, ao emigrante francês o valor de uma figura típica. Nessa pequena maravilha de erudição e fineza, que é a biografia do engenheiro francês Vauthier, Gilberto Freyre estudou um "caso" que ilustra admiravelmente bem o papel desempenhado no Brasil pelos "técnicos contratados estrangeiros". O "caso" Seraine apresenta tantas analogias com o "caso" Vauthier que se impõe imediatamente uma aproximação, a qual viria confirmar, se preciso fôsse, a exatidão da visão do grande sociólogo brasileiro.

Vauthier, antigo aluno da Escola Politécnica, engenheiro do Corpo de Pontes e Calçadas, fôra contratado na França em 1840, a pedido do presidente da Província de Pernambuco, Francisco do Rego Barros. Aí administrou os trabalhos públicos da Província, cercado por um pequeno estado maior de agentes técnicos franceses. Os políticos conservadores que administravam Recife deram prova de sua capacidade em matéria de urbanismo e, no tocante ao desenvolvimento da rêde de comunicações, demonstraram espírito suficientemente moderno para entreter a ação de um jovem engenheiro estrangeiro durante seis anos. Aliás, desde 1830, Vauthier fôra precedido em Recife por um engenheiro alemão e, em seguida por um francês, ambos contratados no Brasil, para onde haviam emigrado (20).

E' bem possível que a emulação entre duas Províncias vizinhas tenha levado o senador Alencar, a exemplo de seu colega de Recife, a tomar como assistente um engenheiro de trabalhos públicos, representante da técnica adiantada da Europa. Mas é sem dúvida necessário ver nisso, mais profundamente, o sintoma da sêde de modernização que dominava então o Brasil (21). Impulso que reinava tanto em Fortaleza como em Re-

---

(20). — Gilberto Freyre, *Um engenheiro francês no Brasil e Diário íntimo do engenheiro Vauthier*.

(21). — Eis alguns exemplos particularmente notáveis: em 1819, Felisberto Caldeira Brant, futuro Marquês de Barbacena, inaugura um serviço de barcos a vapor entre Salvador e Cachoeira. O primeiro paquete foi construído no Brasil. Em 1826, o navio a vapor "Correio Brasileiro" fazia a travessia entre o Brasil e Liverpool. Nesse mesmo ano, o "Amazonas" inaugurava a navegação a vapor naquele rio.

cife. O Barão de Studart, num estudo consagrado aos estrangeiros notáveis do Ceará observou, precisamente a propósito de Seraine:

“Eram então preocupações do governo a imigração de estrangeiros e a construção de obras que embelezassem e melhorassem as condições da cidade” (22).

A carreira de Jean Etienne Seraine em Fortaleza prende-se à história local e é muito bem conhecida, apesar do desaparecimento de seus projetos e planos. Aliás, o próprio Seraine fez o balanço do seu trabalho em sua carta de 7 de agosto de 1853. Imagina-se facilmente como teria sido a vida cotidiana do novo engenheiro dos Trabalhos Públicos de Fortaleza, quando se lê o diário íntimo de Vauthier. Deve ter sido marcada por uma luta constante contra as intrigas conjugadas dos “nativistas” e das autoridades locais. A rotina confortável e as relações estabelecidas deviam ser singularmente alteradas pela chegada de um estrangeiro, aureolado com o prestígio da Europa. Sòmente a amizade que o Senador Alencar sempre lhe devotou fez com que Seraine pudesse manter sua posição. Quando Alencar foi definitivamente substituído na chefia da Província por um presidente do partido da oposição, os rancores acumulados contra o infeliz engenheiro lhe valeram uma destituição e perseguições que o obrigaram a buscar refúgio no Maranhão. Chega em São Luís no dia 23 de junho de 1845. Para grande felicidade de Seraine a proteção de Alencar não o abandona. O Presidente do Maranhão é amigo do Senador e Seraine é por êle designado para proceder à delimitação dos “terrenos de marinha” da sua Província. Pouco tempo depois, o Presidente o nomeia administrador das “Fazendas Nacionais de São Bernardo”, diretor das tribos indígenas dos Canelas, Mateiros e Gaviões, encarregando-o, finalmente, da exploração de uma mina de cobre. A 6 de março de 1846 recebe uma homenagem que o deixa profundamente sensibilizado: torna-se Tenente-Coronel honorário do Estado-Maior do Exército Brasileiro.

A partir dêsse momento, a vida do emigrante francês parece transcorrer num discreto recolhimento. Bastante idoso, ainda robusto e muito orgulhoso de o ser, êle se dedica à administração das terras e dos homens que lhe confiaram, sem se lamentar por viver num “deserto”. Constituiu família e é proprietário da fazenda do “Bom Lugar” onde cultivava algodão. Por

(22). — Barão de Studart, *Estrangeiros e Ceará*, in “Revista do Instituto do Ceará”, t. XXXII (1918), pág. 197.

essa época, havia muito que se naturalizara brasileiro e absolutamente não sonha em regressar à pátria de origem: a idade e o receio do mal de mer o dissuadiriam de qualquer modo... E' então, após vinte e sete anos de silêncio, que decide reatar relações com os seus, no dia 25 de agosto de 1852, "às oito horas da noite", porque acaba de saber que um navio francês, partindo no dia seguinte de São Luís para o Havre, poderá levar sua carta (23).

\*

As quatro cartas de Jean Etienne Seraine que nos vieram às mãos, não primam particularmente pelo talento epistolar e nem mesmo pelo que é normalmente chamado "interêsse histórico". Mas, é precisamente a ausência do sensacional, que lhe confere seu caráter de exemplo. São tão raros os documentos espontâneo sobre a adaptação dos emigrantes do século XIX ao meio brasileiro, que não nos podemos dar ao luxo de desprezar alguns. Além disso, a longa indiferença — ou o persistente rancor — de Jean Etienne Seraine para com sua família, nos proporciona a oportunidade pouco comum de ver um emigrante traçar, por suas próprias mãos, um retrospecto de sua carreira brasileira (24).

Por outro lado, formigam nestas cartas pequenos pormenores de grande valor. Somos, por exemplo, levados a medir até que ponto um emigrante pode esquecer sua língua natal, após uma prolongada estadia no exterior, mesmo quando dotado, como Seraine, de uma memória espantosa (25). Jean Etienne, embora continuasse a ler o francês e a ter, provavelmente, a oportunidade de conversar na sua língua de origem, nem por isso deixa de salpicar de lusitanismos sua correspondência, o que devia

- 
- (23). — Sobre as atividades de Jean Etienne Seraine em Fortaleza ver: Barão de Studart, artigo citado; Paulino Nogueira, *Presidentes do Ceará. Período Regencial*. 7.º Presidente: Senador José Martiniano de Alencar, in "Revista do Instituto do Ceará", t. XIII (1899), pág. 202, nota 3; J. Brígido, *Ceará. (Homens e Fatos)*, Rio de Janeiro, Besnard, 1919, pág. 198; Raimundo Girão, *Pequena história do Ceará, Fortaleza*, 1952, pág. 153. Essa bibliografia nos foi comunicada pelo Sr. Florival Seraine, que infelizmente não pôde encontrar, nos arquivos locais, os documentos deixados pelo seu bisavô.
- (24). — Segundo informações dadas pelo Dr. Florival Seraine, Jean Etienne morreu no Maranhão, talvez em Caxias. Ignoramos a data de sua morte.
- (25). — De fato, Seraine tinha auxiliares franceses. Uma carta do ministro Castro e Silva a José Martiniano de Alencar (18 de outubro de 1837) menciona a contratação de um carpinteiro francês por Seraine, (*Revista do Instituto do Ceará*, t. XXII (1908), págs. 152-153. Trata-se, talvez, de um certo Gagné, mencionado por Paulino Nogueira, artigo citado, pág. 202, nota 3.

desconcertar muito seus destinatários (26). Confusão ainda mais curiosa: êle parece, em mais de uma ocasião, atribuir à França alguns dos traços característicos da vida brasileira. Por exemplo, quando indaga de um dos seus parentes, o nome do vigário, do prefeito e do coronel de Villenauxe; a essa altura, o que êle certamente pretende é saber quem ocupa, na sua pequena cidade natal, a posição de um dêsses coronéis brasileiros, chefes eleitorais e quase feudais, muito mais que militares, os quais, durante muito tempo, dominaram a vida política de seu país, mas que nunca tiveram equivalentes na França.

Não são menos interessantes os dados numéricos sôbre o transporte do correio e a rapidez das comunicações. Uma carta remetida da França em meados de fevereiro chega a São Bernardo no mês de junho seguinte. Para entregar a 12 de julho de 1853, a seu destinatário, cartas expedidas da França em outubro de 1852, os agentes do correio devem perfazer trinta e oito dias de marcha. Êsses pormenores e outros que seria possível extrair das cartas de Seraine apresentarão, talvez, algum interêsse aos olhos dos historiadores do Ceará e do Maranhão.

A própria fisionomia de Jean Etienne Seraine, tal como se depreende dessa breve correspondência é também, em si, digna de atenção. O Vauthier que Gilberto Freyre nos revelou, nascido após a queda do Império e aluno da Escola Politécnica, quando essa era um laboratório de idéias novas e um foco de revoluções, foi o porta-voz do socialismo francês para os brasileiros que o conheceram em 1840. Seraine pertence a uma outra geração. Ainda que tenha nascido apenas alguns anos antes da revolução de 1789, suas idéias, a filosofia que êle toma o cuidado de revelar em alguns maus versos (27), seu vocabulário e mesmo sua ortografia datam do século XVIII. Vê-se por aí que aspectos diferentes da França podiam oferecer aos brasileiros dois franceses vivendo ao mesmo tempo no Brasil. Mas, tinham ambos em comum, acima de tudo, o fato de serem representantes da técnica mais adiantada do mundo, naquela época exclusivamente européia. E é a êsse título, afinal de contas, que Seraine nos interessa: representa muito bem o tipo médio daqueles europeus "politécnicos" que, desde o início do século

---

(26). — Exemplos de lusitanismos e formações peculiares: carta de 7 de agosto de 1853: *partidiste*; *equivaler*; *je ne m'y ennuie pas la moindre chose*; *t'accompagnoient*. Carta de 10 de agosto de 1853: *comme* (em vez de *avec*) *38 jours de marche*; *presencié*; *me resumer* (em vez de *ressaisir*) etc. A ortografia das cartas, aliás freqüentemente incerta, conservou muito das características do século XVIII.

(27). — Carta de 10 de agosto de 1853.

XIX dedicam-se inconscientemente a transformar o mundo à imagem do seu continente (28).

\*

\* \*

I. — Carta de Jean Etienne Seraine a um seu primo de Villenauxe, em que pede notícias da família e dá informações sobre sua residência no Maranhão e sobre os cargos que ocupa (29).

Maranhão, (30) 25 aóut 1852, 8 heures du soir.

Mon cher Cousin,

Il y a 36 ans que jé suis allé à Villenauxe (31), 27 que nous nous sommes rencontrés à Paris et 26 que jé suis au Brésil. Je demeure à 200 liéus dans l'intérieur de la province de Maranhão. Je suis arrivé dans cette ville avant-hier, où je suis venu pour objet d'administration. Je suis directeur de 3 aldeias de Indios Canellas (32) et administrateur des fazendas nationales de la comarca de la Chapada (33). Venant d'apprendre qu'un bâtiment français sortirait demain pour le Hâvre, je t'écris ces quelques lignes pour te donner de mes nouvelles, comme pour

(28). — Carta de 14 de janeiro de 1854.

(29). — Ressalta-se ainda dessas cartas o interessante aspecto humano e psicológico do homem deslocado de seu meio: o emigrante procura afirmar-se perante os brasileiros exaltando o elevado nível social e cultural de sua família na França. (Por exemplo, Carta de 10 de agosto de 1853); a "ovelha negra" tenta reabilitar-se perante a família, engrandecendo seus sucessos num país longínquo.

(30). — São Luís do Maranhão. Maranhão é mais especificamente o nome da ilha em que se localiza a cidade, mas até o século passado, aparecia em mapas e era comumente usado pelos estrangeiros e pelos próprios brasileiros para designar a cidade de São Luís.

(31). — Villenauxe, no departamento de Aube, distrito de Nogent-sur-Seine.

(32). — A lei provincial n. 85 de 2 de julho de 1839 estabelecia três missões indígenas — duas no Alto Mearim e uma no Grajaú — ficando os cuidados espirituais a cargo dos missionários e a administração temporal entregue aos diretores. (Coleção de leis, decretos (regulamentos) e resoluções da Província do Maranhão de 1835-1880. Maranhão, Tip. Const. de J. J. Ferreira). A luta contra os timbiras foi a árdua conquista do interior do Maranhão no século passado, monopolizando esforços de lavradores e autoridades oficiais. Constituíram grande obstáculo à lavoura, pois, as férteis terras do alto Mearim até Pastos Bons não podiam, por causa desses índios, ser aproveitadas para a cultura do arroz e do algodão. (R. J. de Souza Galoso, *Compêndio Histórico-político dos princípios da lavoura no Maranhão*. Paris, 1818).

(33). — A Comarca de Chapada (atual Grajaú), desmembrada da Comarca de Pastos Bons, foi criada pela lei provincial n. 113 de 31 de agosto de 1841 e era constituída pelos termos do Riachão e Chapada, incluindo o atual município de Barra do Corda, onde se localizava a fazenda nacional de São Bernardo.

te prier de me donner des nouvelles de toi, de ta famille, de tes soeurs, mes cousines, de notre cousine Sophie, comme de tous nos parents et amis, soit de Conflans (34) ou de Villenauxe.

Adieu, mon cher Seraines, mon ami et mon cousin, réponds moi, tu ne sais pas le plaisir que tu feras: je crois que ta lettre me fera autant d'effet que la terre faisait à Antée lorsqu'il la touchait.

Tou cousin et ton bon ami,

Jean Etienne Seraine.

P. S. — Si tu m'écris, voici mon adresse:

A Mr le Lieutenant Colonel Jean Etienne Seraine,

Directeur des Indiens Canellas,

Administrateur des fazendas nationales,  
à Sam Bernardo (35)

Province de Maranhão — Brésil.

Mes amitiés à tous ceux qui de moi se rappellent.

Dieu et Patrie.

\*

\* \*

II. — Carta de Jean Etienne Seraine ao seu primo David Seraine, em que expressa saudades de sua família na França e rememora os sucessos e as vicissitudes da sua carreira de imigrante no Brasil, fazendo um esboço da sua filosofia e hábitos pessoais.

San Bernardo, 7 août 1853.

Mon cher cousin David Seraine et mon ami,

J'ai eu l'indicible plaisir de recevoir ton aimable lettre datée de Conflans le 14 février dernier, que j'ai reçue (sic) en juin, laquelle était aussi signée de ma chère cousine Sophie, que j'ai toujours aimé (sic) ainsi que la Seraine, d'une amitié et affection particulière. Elles étaient si aimables quand elles étaient jeunes; elles m'aimaient

(34). — Conflans-sur-Seine, no Departamento do Marne, Distrito de Epernay, Cantão de Anglure.

(35). — A Fazenda Nacional de São Bernardo situava-se nas nascentes do rio Ourives, afluente que desagua na margem direita do rio Corda, com 132 quilômetros de curso. José Ribeiro do Amaral, *O Estado do Maranhão em 1896*, (Maranhão, 1897) traz a única referência específica que encontramos sobre a localização dessa fazenda. Convém observar que a orientação e as distâncias indicadas por Seraine, na carta de 7 de agosto de 1853, não são precisas, sendo por vezes contraditórias entre si.

bien! Combien de fois n'ai-jé pas pensé à vous, mes chers amis? En novembre prochain, il y aura 47 ans que j'ai quitté Villenoxe et, pendant ce quasi demi siècle, je n'ai jamais été séparé de vous, mes bons amis, que par la distance. Mon coeur et mon âme ont toujours été auprès de vous. Je savais que la Seraine était morte et comme Sophie est mon aînée, je la croyais morte aussi. Le plaisir que j'ai ressenti en voyant la signature est inexprimable; en voyant la signature de l'aînée de notre famille, notre très respectable cousine Sophie. Que Dieu lui garde vie et santé pour toujours! La réception de votre lettre a attaqué tellement ma sensibilité què j'ai versé beaucoup de larmes de plaisir, de peine, comme aussi du regret de ne pas vous avoir écrit il y a 25 ans. Si vous m'en demandiez le pourquoi, je ne saurais vraiment pas vous le dire, car le mutisme de ma part envers vous est une chose que je ne sçai (sic) pas même m'expliquer, mais comme vous m'aimez bien, vous me le pardonnerez et ne m'en ferez point reproches. Soyons également contents: nous nous sommes retrouvés tous en bonne santé et heureux, Dieu soit loué! Nous nous retrouvons vieux, me diras-tu? Ce n'est rien que la vieillesse, mon ami. On ne peut pas toujours être jeunes, mais quando on a vécu longues années avec honneur et probité et une conscience sans reproches, qu'on a élevé des enfans qui nous donnent de la satisfaction, ne retrouvés tous en bonne santé et heureux, Dieu soit loué! d'être jeune. Nous savons, nous, ce que nous avons été et ce que nous sommes et les plus jeunes que nous savent ce qu'ils sont, mais non se qu'ils seront.

Quand j'ai quitté Villenoxe, tous me lancèrent anathème, mais dès que j'en suis sorti, j'ai sçu (sic) par une bonne et constante conduite m'attirer l'estime, la bienveillance et l'amitié de personnes de hautes qualités. J'ai été par eux activement et continuellement protégé. J'ai occupé de grands emplois tant en France que en (sic) Hollande jusqu'à 1813 et, de 1814 jusqu'à 1820, en France. Mais 1813 m'a été funeste. Mon opinion contre les Bourbons m'a conduit au Brésil où j'aurais du venir en 1814. J'ai passé, mon cher Seraine, par beaucoup de vicissitudes pendant les 47 dernières années de ma vie, mais la persévérance et la constance dans le bien me les a toujours fait vaincre glorieusement.

Vous désirez savoir comment je me suis élevé: Je vais vous satisfaire. Je suis arrivé à Rio de Janeiro le 4 mars 1827 (36), avec 60 officiers français qui émigraient aussi

(36). — O Diário Mercantil do Rio de Janeiro, de 5 de março de 1827, na Coluna "Alviçareiro-Mor", assinala a entrada no dia 4 do navio "Le Grand Duquesne" de Havre de Grace, depois de quarenta e cinco dias de viagem, trazendo 44 passageiros franceses.

pour opinion. Nous étions tous bien vêtus, mais avec peu d'argent et sans aucune connaissance au Brésil. Aussi la majeure partie d'eux s'est retiré (sic) dans l'intérieur du pays. Je n'en ai plus jamais entendu parler. Que sont-ils devenus? Je n'en sai (sic) rien. Mais moi, comme j'avais toujours travaillé à m'instruire, même de sciences que je ne pouvois pas prévoir qu'un jour elles me seroient utiles, j'étois approfondi dans les mathématiques, géographie, la géologie, l'arpentage et la construction d'édifices. Je savois faire et dessiner un plan, soit d'édifices ou de superficie par pratique et théorie, mais les autres, je ne les connoissais que par théorie. Vous savez tous que la nécessité est la mère de l'intelligence, que l'idée invente et que l'intelligence exécute. Je me suis fié à mes forces: dans un pays où les sciences étaient encore dans l'enfance, j'étais certain des mes heureux succès. Après avoir mûrement réfléchi, je pris la résolution d'offrir par la voie des journaux mes connoissances à MM. les Propriétaires (37). Presque aussitôt, je fus appelé par l'ambassadeur d'Autriche (38) pour lui faire un ouvrage de luxe à l'entrée de son Palacete. C'est à ce travail, où j'ai par-

(37). — Encontramos no Diário Mercantil do Rio de Janeiro de 4 de abril de 1827, um anúncio que parece refletir a personalidade prolixa de Jean Etienne Seraine: "Huma pessoa de probidade e capacidade affiançada, se offerece a dar lições para ensinar a designar (sic), a tocar o Forte piano e cantar; também para ensinar a lingua franceza, geographia, Historia Natural, Mathematica, Filosofia, Moral, Fisica, Historia Poltica, Economia Nacional e Rural, Technica, Jurisprudência, Diplomática e mais algumas outras Sciencias procuradas: tambem elle se offerece a executar, ou a fazer só os desenhos para qualquer engenho, com o melhor arranjo e gôsto. No caso que alguma pessoa lhe quisesse para administrar e amilhorar com intelligencia alguma, Fazenda ou outro estabelecimento, pode que talvez êle consentiria conforme as condições; quem se quizer utilizar do seu préstimo queira deixar sua morada ao dono da Botica n. 82 da Rua dos Barbônios, para ser procurado". E novamente a 29 de outubro de 1827: "Hum professor ja bastante conhecido na sua prática de dar lições em casas particulares de desenho, lingua franceza, Geographia, Mathematica, História Natural, Física, Philosophie, História e alguns outros idiomas, adverte que elle tem agora duas horas desembaraçadas que são destinadas para a mesma prática; observando tambem que elle continua a incumbir-se de traçar planos, e desenhos de qualquer engenho, ou outra coisa".

Allás, nas colunas de "notícias particulares" do Diário Mercantil substituído pelo Jornal do Comércio em outubro de 1827, abundam anúncios de francezes que, ora se propõem a administrar fazendas "com conhecimento profundo da agricultura", ora a fazer "as escriturações em qualquer casa de comércio franceza", em geral a dar lições particulares da lingua franceza, de geografia e aritmética "aplicadas ao comércio e às artes"; de latim, história, etc.

(38). — Felipe Leopoldo Wenzel, Barão de Mareschal, figura de projeção na época, chegou ao Brasil em 1819 e aqui permaneceu em successivos postos diplomáticos até 1830. Antes, em Viena, cursara a Escola Militar e servira como official de cavalaria. Em maio de 1826 foi promovido do cargo de "encarregado de negócios" para o de Ministro Plenipotenciário. (O. Schlichthorst, ob. cit.).



faitement réussi, que je dois ma situation et ce que je suis aujourd'hui. J'ai travaillé 7 longues années tant à Rio de Janeiro que dans ces (sic) environs, tant à ériger des fabriques de sucres, de grandes maisons qu'à dessécher ses étangs et des marais. J'étais en grande réputation. En juin de 1834, Son Excellence, Mr le Sénateur José Martiniano d'Alencar (39) qui venoit d'être nommé Président de la Province du Céará, son pays natal me fit appeler pour savoir si jé voulois aller avec lui dans sa Province pour me charger de l'administration des travaux publiques (sic) de sa Province avec un conto deux cents milreis d'appointement par an, le voyage à ses dépends (sic). J'acceptai et le suivi (sic). Nous sommes arrivés au Ceará, le 28 septembre 1834. Le 1.er octobre, il a signé ma nomination d'administrateur des travaux publiques (40). J"i (sic) ai fait de grands ouvrages. La ville manquoit d'eau: Mes premiers travaux ont été plusieurs fontaines publiques, pour l'une desquelles, j'ai été obligé de faire un très grand bassin, un aqueduc et aller chercher les eaux à une lieue de la ville. J'ai aussi ouvert plusieurs routes à travers les bois; j'ai fait 8 ponts; édifié un bâtiment de 130 pieds carré avec une cour au centre, pour la Trésorerie provinciale et pour l'inspection des cotons; une prison à Marangoapi (41) et divers autres travaux, pendant cinq ans de mon administration. C'est à la constante amitié de Son Excellence, Mr Le Sénateur Alencar que je dois tout ce que je suis. Son amitié pour moi a toujours été celle d'un frère bien aimé. Il est aujourd'hui deux fois mon compère. Je suis le parrain de son 3ème fils Tristan et lui est le parrain de mon fils Jean Etienne Seraine de Conflans qui est né au Ceará le 8 mai 1838: il a eu quinze ans le 8 mai dernier. C'est un beau jeune garçon. Je l'aime bien de tout mon coeur. C'est l'unique fils que j'ai (42). J'ai aussi une pe-

(39). — Senador José Martiniano de Alencar, grande político e homem de ação, nasceu em 1794, em Barbalha, no Ceará. Estudou no Seminário de Olanda, onde tomou ordens. Pai do romancista José de Alencar, abandonou o hábito para constituir família, numa época em que se projetava a abolição do celibato. Teve uma brilhante, porém acidentada carreira política. Eleito Senador em 1831, foi nomeado Presidente do Ceará em 1834 e ali realizou muitas obras. Liberal, interrompeu o mandato em 1837, retomando novamente o cargo uma vez proclamada a Maioridade, da qual foi um dos principais protagonistas.

(40). — "...de la province" (anulado).

(41). — Maranguape, sede de município desde 1851, situada na zona fisiográfica do Baturité, Estado do Ceará, a 23 quilômetros da Capital, rumo SO. Teve origens no século XVII, quando os holandeses iniciaram a exploração de suas minas de prata.

(42). — Segundo informações do Dr. Florival Seraine, seu bisavô teria excluído um seu filho mais velho Joseph Pierre Seraine, o qual veio a falecer, assim como Martiniana, na cidade de Amarante (Piauí), onde se dedicava ao comércio.

tite fille qui est néé le 12 mars 1847. Elle se nomme Martiniana. Ces deux enfants font ici ma plus grande félicité.

Son Excellence, Mr. le Sénateur Alencar a toujours été et est encoré le chef du Parti libéral (Santa Luzia) (43). Entre lui et moi existe une inébranlable amitié de sympathie, d'opinion et de religion. Nous sommes l'un pour l'autre ce qu'on dit en France être deux têtes dans le même bonnet. C'est lui qui m'a fait naturaliser, par ce que pour obtenir un emploi public, il faut l'être. Je n'en suis pas moins français. J'aime et j'aimerai toujours ma belle patrie. Il me fallait une existence honnête (sic): la nécessité l'a emporté sur toutes les considérations. Son Excellence Mr Alencar a été substitué, en 1845, par un Président (44) qui n'étoit pas de son parti, qui étoit aussi le mien. Je m'a démis de mon emploi et injustement persécuté, tant que j'ai dû me réfugier dans la province de Maranhã, à Maragnan (45) où jé suis arrivé le 23 juin de 1845. J'y ai trouvé un Président partidiste (sic) et intime ami de S. Exce. Mr. Alencar. Je suis allé lui faire ma visite et lui expliquer les disgrâces que j'avois éprouvés (sic) au Ceará. Il me prit aussitôt en grande affection: peu de jours après, je reçus une lettre de Mr Alencar qui me disoit de me présenter au Président du Maranhã (46) à qui il avoit écrit aussi. Au résultat, S. Exce. le Président de Maranhã m'a nommé, le 1.er août 1845, Ingénieur chargé de la démarcation des terrains de Marine (franc-bords) (47) de la Province de Maranhã et, le 23

- 
- (43). — A designação "Santa Luzia", a princípio regional, evocava a revolução liberal mineira de 1842. No seu livro *O naturalista no rio Amazonas* (Brasília, Companhia Editora Nacional, 1944), lembra Bates: o partido liberal era conhecido no Brasil como o partido Santa Luzia e o conservador como o partido Saquarema. O Barão de Studart em *Dados e Fatos para a História do Ceará* (Tip. Studart, Fortaleza, 1896) narra as vicissitudes do Partido Liberal nesse período, quando os conservadores retomam o poder.
- (44). — O Senador Alencar foi substituído na Presidência da Província, em 9 de maio de 1841, pelo Brigadeiro José Joaquim Coelho, do partido Conservador. Sucederam-se vários governadores até que, em 4 de dezembro de 1844, tomou posse o coronel Inácio Correia de Vasconcelos, ao qual se refere o texto.
- (45). — São Luís, 7 de agosto (1853).
- (46). — Refere-se ao Desembargador João José de Moura Magalhães, que tomara posse em 17 de maio de 1844, tendo seu mandato renovado duas vezes até outubro de 1846. (César Augusto Marques, *Catálogo dos governos que tem tido a Província do Maranhão...* R. I. H. G. B., volume XXXVI, 1873, segunda parte, pág. 179).
- (47). — Sobre a instituição dos "terrenos de marinha": A Ordem Régia de 7 de maio de 1725, consumada pela de 10 de dezembro de 1726, designava como "propriedade nacional" o "espaço de terreno compreendido em: 15 braças entre terra firme e o bater do mar em marés vivas". No Maranhão, a Carta Régia de 13 de maio de 1797, dirigida ao Presidente da Província, estabelecia serem da posse da Corôa "tôdas as mattas e arvoredos à borda da costa e rios que dezembocuem immediatamente no mar", proibindo e anulando as concessões de sesmarias nessas paragens. Quanto a medição e

novembre suivant, le même Président me nomma Administrateur des fazendas nacionais (48) de Saint Bernard, Directeur des Indiens (49) de trois tribus, Mateiros, Ca-

demarcação dos terrenos, a Ordem de 13 de janeiro de 1845, dirigida à Tesouraria da Província do Maranhão estabelecia que o engenheiro encarregado da medição de terrenos de marinha “deve occupar-se efetiva e continuamente da medição, enquanto houverem pretendentes (ao aforamento); e enquanto nessa diligência estiver, deverá perceber a respectiva gratificação de residência, pago por conta da Fazenda Nacional...” (Pedro Moreira Costa Lima, Coleção de Leis, Provisões, Circulares, portarias, ordens, officios e avisos sobre terrenos de Marinha, colhidos e ordenados, segundo suas datas, pelo 1.º tenente de engenheiros P. M. C. L. Rio de Janeiro, 1854).

(48). — A Fazenda Nacional de São Bernardo, criada no início do segundo império, foi uma das cinco fazendas nacionais estabelecidas no século passado para a colonização dos índios. Nessa mesma região existe hoje uma Colônia Nacional sob a administração do Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC). O Serviço de Proteção aos índios tem aí uma Ajudância, que supervisiona dois postos com dezesseis aldeias, três das quais dos canelas. As aldeias dos canelas são as mais distantes de Barra do Corda.

(49). — Como diretor, Seraine tinha em mãos uma administração complexa. Era seu dever incentivar a agricultura e orientá-la para os produtos mais úteis e acessíveis; repartir as terras para as plantações em comum e para para as particulares, inspecioná-las; decidir da necessidade de certos trabalhos em comum, distribuir os objetos e os instrumentos necessários; designar os índios para os respectivos serviços, evitando o princípio de injustiças e sempre que possível, de acordo com os maiores da aldeia; encaminhar e dar consumo a parte dos produtos reservada aos índios; prestar contas ao tesoureiro da renda das plantações, da extração das drogas de sertão, das pescarias e das trocas locais. Deveria fazer a demarcação das terras dadas aos índios e, de quatro em quatro anos, proceder ao arrolamento dos índios aldeados. Tinha a seu cargo a força militar; deveria alistar os índios capazes para o serviço militar e, eventualmente, organizar companhias. Quanto à questão orçamentária, deveria aplicar a verba sob a orientação do Diretor-Geral; por conta própria poderia gastar até cem mil réis. Além disso, deveria zelar pelo progresso da aldeia e individualmente pelo bem-estar e moral dos índios. Era da sua responsabilidade manter a disciplina e a segurança; aplicar pessoalmente as penas menores ou apelar para a polícia. Seria o procurador dos índios. Era ele, enfim, que distribuía os prêmios, superintendia as construções e cuidava do aparato das festas civis e religiosas.

O cargo de Diretor dos índios foi primeiro instituído pelo malicioso Diretório de 1758, organizado no Pará pelo Capitão general Francisco Xavier de Mendonça Furtado e aprovado pelo Alvará de 17 de agosto do mesmo ano. Os diretores seriam nomeados pelos governadores e capitães gerais. A sua missão teórica era de fiscalizar e aconselhar os magistrados indígenas, mas os noveenta e cinco parágrafos do Diretório estabeleceram, na realidade, um cuidadoso sistema de exploração da mão-de-obra. Daí ter sido extinto por uma Carta Régia de 12 de maio de 1798. O decreto n.º 426 de 24 de julho de 1845 veio estabelecer um diretor em cada aldeia e criar ao mesmo tempo, em cada província, para maior eficácia e coesão, o cargo de Diretor-Geral. Esse “Regulamento” previa ainda para as aldeias maiores um tesoureiro, um almoxarife e um cirurgião. O Diretor seria nomeado pelo Presidente da Província por proposta do Diretor-Geral e prestaria contas de três em três meses, redigindo anualmente um relatório completo. V. Coleção das Leis do Brasil, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1891. No entanto, para pôr em prática essas novas resoluções, o governo cedeu ao Maranhão a insignificante quantia de um conto de réis. Apesar disso, o Diretor-Geral Barão de Anajatuba tornou possível a navegação dos rios Mearim, Pindaré e Grajaú, reunindo e pacificando aí numerosas tribos (César Augusto Marques, ob. cit.).

nelas et Gaviões (50), entre les rivières navigables Alpercata e Grajaú, sur une extention (sic) de 86 lieues et chargé de l'exploration de la mine de cuivre qui est près de la Chapada, presque sur le bord du Grajaú où j'ai trouvé une inextinguible mine de fer, que l'on n'exploite pas (51). Le 9 août 1845, j'avois été nommé membre correspondant de la Société philomatica Maranhenses des sciences et des arts (52) et, le 6 mars 1846, je fus nommé Lieutenant-Colonel honoraire de l'état-major de l'armée brésilienne (53). Voilà, mon ami, exactement comment je suis arrivé à l'apogée de mon existence. Ne dois-je pas tout ce que le suis à mon Compère et ami, bientôt de 20 ans: ma petite fortune et ma graduation?

Si je possédois dans ce pays-ci, où je demeure depuis 8 ans, autant de fortune que j'y possède d'estime, de considération et d'influence sur le peuple, je serois bien riche... Ici, mon ami, je ne suis pas le premier en fortune, non; mais, en représentation et instruction, oui: ton cousin au Brésil a un nom et une réputation méritée, qui lui font honneur. Si jamais vous rencontriez dans vos voyages à Paris des Brésiliens qui me connaissent, vous pouvez sans crainte leur dire que je suis de votre famille, de l'honorable, grande et très ancienne famille des Seraine de Conflans.

Je reviens à ma cousine Sophie: toi, mon cher David, je t'ai vu en 1826, il y a 27 ans; mais Sophie, il n'y a pas moins de 60. Je ne me rappelle (sic) pas l'avoir ja-

- (50). — São os timbiras de leste, da família gê ou crans. Os gaviões (pukóbye) ocuparam o alto Grajaú e, mais especificamente, a região do seu afluente Sant'Ana; os canelas tem seu habitat a leste do rio Corda e ocuparam antigamente toda a região do Médio e Baixo Alpercatas, do Ourives (Fazenda São Bernardo) e do Porcus, entre o rio Corda e o Itapecurú, lutando contra as "bandeiras". Os mateiros (cakamekra) ocupam o distrito do rio das Flores, pequeno afluente do Mearim, tendo no século passado assolado e tornado perigosa a navegação de todo o alto Mearim (Kurt Nimuendaju, *The Eastern Timbiras*, Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1946).
- (51). — São afamadas as minas de cobre do Grajaú, próximo à Chapada. Francisco Inácio Ferreira, no seu *Dicionário Geográfico das Minas do Brasil*, (Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1875) assinala: "Os engenheiros Henning e Mollara, tendo examinado o cobre das mencionadas jazidas, atestaram a excelência e abundância do precioso metal". E, justamente a propósito, escreveu César Augusto Marques: "Ao lugar chamado Fazendinha acha-se cobre e em outros ferro..." (*Dicionário Histórico Geográfico da Província do Maranhão*, Maranhão, 1870).
- (52). — César Augusto Marques faz referência a essa sociedade: "creou-se antes (por volta de 1843) uma sociedade litteraria a esforços dos drs. Maia e Teophilo, do pharmaceutico, francês Luiz Bottentuit e d'outros, a qual chamou-se Associação Philomatica e publicou um jornal, que foi tambem de pequena duração" (op. cit.).
- (53). — Essa é a graduação honorária que o decreto de 24 de julho de 1845 estabelecia para o cargo de diretor. Ao Diretor-Geral caberia a graduação de Brigadeiro e ao tesoureiro a de Capitão. Enquanto em exercício, ostentariam as respectivas fardas.

mais vue depuis 1793 ou 1794, qui est la dernière fois que je suis allé à la fête de Conflans qui étoit le 1.<sup>er</sup> dimanche d'âout. C'est bien vrai qu'une chose en amène toujours une autre? Je dis que la fête de Conflans est le 1.<sup>er</sup> dimanche d'âout, quand je vois dans mon almanach que la date de ma lettre est précisément le 7, premier dimanche d'âout. Hélas! me dis-je, je suis ici seul de ma famille et avec moi même, abandonné à mes chimérique idées et mes cousins, réunis en famille, passent d'heureux instants! Peut-être que pas un d'eux ne se rappellera (sic) de moi, n'i (sic) ne boira un verre de vin à ma santé: heureux l'homme qui vit au sein de sa famille, qui voit croître ses enfans et petits enfans! Rien n'est comparable à cette félicité: J'en parle par une longue et terrible expérience. Tu es entouré de tes enfans, petits enfans, neveux etc. et moi, ici, à plus de 2000 lieues de vous, dans un affreux désert, au milieu d'un peuple brut, sans religion, sans morale, fanatique et superstitieux de négres et d'Indiens, tous plus ou moins sauvages. Il n'y a point de fortune, n'i (sic) de dignité, ici, pour moi qui puisse équivaler (sic) la félicité de laquelle tu jouis au sein de ta famille: où peut-on être mieux qu'au sein de sa famille?

Le 18 février prochain, la Pasque de ses vilains doigts marquera mes an d'un 7 suivi d'un 3: j'aurai 73 ans, je suis né en 1781. Et toi, quel âge as-tu? Quel âge a Sophie? Si Dieu nous accorde la durée de notre existence, aussi longue que celle de mon oncle, ton grand-père, nous avons longtemps à vivre. Tout me présage une longue vieillesse: je suis très fort, robuste, je n'ai point de rhumatisme n'i (sic) douleurs, ma vue n'est pas affaiblie, l'ouïe est bonne, j'ai bon appetit, j'ai peu d'embonpoint, je ne suis n'i (sic) gras, n'i (sic) maigre. Je me porte bien; j'ai conservé mon ancienne gaité; il me reste encore 2 ou 3/10<sup>ème</sup> de force phisique (sic), je monte à cheval comme à 40 ans. En juillet dernier, revenant de la Chapada, nous avons fait des marches de 14 et 16 lieues par jours, sans m'en trouver fatigué. Je marche encore bien droit, ma tête ne penche pas en avant, courbé sous le poids des ans, comme si elle vouloit me chercher une sépulture convenable. Je n'ai jamais été buveur n'i (sic) joueur; je n'ai jamais eu de fievres, d'indigestions, n'i (sic) de maladies siphilitiques, pourtant j'ai toujours aimé le beau sexe: ce vice a été celui des grands hommes et le moins funeste à l'humanité.

Je ne suis pas écrasé par la Religion et la Politique. Je suis bien trop phylosophe (sic) pour ne pas savoir me diriger à l'égard de l'une ou de l'autre. Je suis heureux dans mon domestique; je n'ai point d'ambition, je sçai

(sic) me contenter de peu; je résiste avec une force stoïque aux privations comme aux événements imprévus et inévitables, n'étant pas doué de la prescience. Rien ne m'affecte, j'ai confiance en la divine Providence: elle est mon talisman, ma conscience est intacte. Quand je me couche, je dors bien parce que mon oreillé (sic) n'a rien à me reprocher. Enfin, il ne me manque pour être parfaitement heureux, que d'être auprès de vous: ce qui m'est impossible réaliser (sic).

Je te dis que je demeure dans un désert: tu vas en juger. Mon plus près voisin est à 5 lieues à l'est de San Bernardo; la Barra da Corda (54), à 24 lieues nord-N.E; la Chapada (55) district et paroisse à 40 lieues Sud-ouest 1/4 S.O.; San Felix da Balça (56), à 30 lieues Sud-S.O.; Pastos-bons (57), à 24 lieues Sud-S.E et Passagem-franca (58), à 28 lieues Sud-Est. Tu peux voir quelle est ma position au milieu de ce vaste espace où il n'existe que quelques fazendeiros (qui élèvent des bestiaux et des chevaux, qui ne cultivent que pour vivre) et quelques misérables habitants nomades de toutes les couleurs et tous très distants les uns des autres. Je t'entends dire: mais mon cousin doit bien s'ennuyer seul dans ce désert? Je te dirai premièrement que l'homme s'accoutume à tout, au bien-être comme au mal-être, que je ne m'y ennuie pas la moindre chose et qu'il m'arrive quelques fois d'y trouver les jours trop courts. Je me suis fait des occupations habituelles et journalières. J'ai partagé les travaux du jour en trois parties: la 1.ère est pour mon administration; la 2.ème est pour l'instruction de mes deux enfants; la 3.ème est employée à la lecture. J'ai une belle bibliothèque de livres d'auteurs classiques. Je recevais les journaux, je m'en suis dégouté parce qu'ils étaient écrits par des plumes vénales. Mes livres sont mes vieux, bons et constants amis. Ils m'instruisent et me donnent de bons conseils: avec eux l'univers est à ma disposition; ils me font voyager dans les quatre parties du monde sans sortir de mon cabinet. Je vois l'histoire antique finir en 476 de l'ère de Jésus-Christ; l'histoire du moyen âge finir en

- 
- (54). — Barra do Corda, sede de município desde 1835, localizada na zona fisiográfica do Alto Mearim, a 345 quilômetros de São Luís, rumo S.S.O.
- (55). — Atual Grajaú, sede de município desde 1835, situada a 433 quilômetros de São Luís, rumo S.S.O., também no Alto Mearim. Fundada em 1811, sofreu muitos revezes na luta contra os timbiras.
- (56). — São Felix das Balsas, atual distrito do município de Loreto, situada na zona fisiográfica do Alto Parnaíba, a 520 quilômetros de São Luís, rumo S.S.O. Já era freguesia em 1761, sob o nome de São Bento das Balsas.
- (57). — Pastos Bons, sede de município desde 1821, situada na zona fisiográfica do Alto Parnaíba, a 445 quilômetros de São Luís, rumo S.S.E. Foi fundada em 1844, como cabeça-de-ponte na conquista do sertão.
- (58). — Passagem Franca, sede de município em 1838, situada na zona do Itapê-curú, a 397 quilômetros da Capital, rumo S.S.E.

1453 et la moderne, jusqu'à cette époque (59). Voilà, mon ami, comme je passe ma vie et il m'arrive quelques fois de m'estimer heureux de n'avoir pas de voisins, car il vaut mieux n'en point avoir que d'en avoir de mauvais: n'est-ce pas vrai?

Je fais un. pour résister à l'enthousiasme de ma plume qui a tant de plaisir de converser, tant avec toi, mon cher David, qu'avec ma chère Sophie, que si je la laissais faire elle t'écrivait une lettre aussi prolixe et aussi longue que l'est un sermon de la passion de Jésus-Christ.

Mon épouse et mes Enfants ce (sic) joignent à moi pour vous prier de recevoir nos sincères sentiments de la plus vraie et sincères amitiés (mes enfants vous prient de recevoir leurs profonds respects) comme pour vous prier, toi et Sophie, d'embrasser pour nous ton Epouse, ma Cousine, et tous vos Enfants grands et petits, neveux et nièces. Nous prions Dieu de vous conserver pour toujours dans une parfaite santé, comme dans une prospère félicité. Nous, pour l'instant, nous jouissons tous de la meilleure santé possible. Dieu soit loué!

Je désire que tu me rappelle (sic) les noms de nos Cousins ou amis qui t'accompagnoient (sic) quand nous sommes vus à Paris. S'ils ne sont pas morts, j'ai auprès de toi deux camarades d'école: Cri, l'ainés des Caves et Duchat l'ainé, de Luret ou d'Eclavole. S'ils vivent, rappelle (sic) moi à leur (sic) souvenirs et fais leur mes sincères compliments.

Adieu, mon cher David Seraine; adieu, ma chère Sophie Seraine! Vous êtes dans mon coeur. Puis-je être aussi dans le vôtre. Continuez-moi toujours vos bonnes amitiés: elles seront pour moi une bien douce consolation dans ma vieillesse. Je vous prie de vous embrasser l'un et l'autre pour moi. Ne m'oubliez jamais dans vos réunions de famille; parlez toujours de moi; parlez aussi de moi à vos petits Enfants; rappelez-leur qu'ils ont un Cousin au Brésil qui les aime bien. Si Dieu exauce mes vœux, quand mon bien-aimé fils Jean-Etienne Seraine de Conflans aura 18 ans, je l'enverrai auprès de vous, pour vous presser sur son coeur et vous embrasser tous pour moi.

---

(59). — Seraine tinha provavelmente um manual de História Universal e é curioso notar como essa periodização era recente na época, pois o período da Idade Média era ignorado nos programas oficiais de ensino na França até 1814. Em 1829 O. Desmichels dava ao seu manual o título de *Histoire General du Moyen Age*. A expressão foi definitivamente consagrada nos programas de 1838. V. Ferdinand Lot, tomo I da *Histoire du Moyen Age*, dirigida por Gustave Glotz, Paris, 1940.

Adieu, mes bons amis. Adieu, que Dieu et le bonheur soient toujours avec vous.

Votre cousin de coeur et âme,  
Jean-Etienne Seraine.

E a lapis, numa outra caligrafia: [Lieutenant-Colonel, Directeur des Indiens Canellas, Administrateur des fazendas nationales,  San Bernardo, Province de Maranhao, Bresil].

\*

\* \*

III. — Carta de Jean Etienne Seraine em resposta a do seu primo e amigo Payen Seraine em que pede notícias detalhadas da família e de tda a regio, tecendo curiosos comentrios políticos e referindo-se a uma prxima viagem sua para o Rio em visita ao Senador Alencar.

Saint Bernard, 10 Aut 1853, foire a Nogent-sur-Seine

Mon cher cousin et bon ami Payen Seraine,

Jtais au juri a la Chapada chef-lieu de son district, et ma Paroisse, a 40 lieues de S. Bernardo encore plus avant dans l'intérieur, quand Mr le Docteur Polycarpe Lopes de Lions (60), juge de droit, mon ami, chez qui jtais log, a reçu par les soldats du Courrier de Maranhn comme (sic) 38 jours de marche la correspondance où était vos lettres qu'il m'a aussitôt remis. C'était le 12 juillet une de vous, et l'autre de mon cousin Prosper, des 8 et 10 octobre 1852; j'ai reçu celle de mon cousin David, du 14 fevrier, 35 jours avant les vôtres. J'ai lu et relu vos lettres avec autant de sensibilité que d'inexprimable plaisir, partout j'i (sic) ai trouvé les marques de la plus franche et cordiale amitié; je ne pouvois pas en attendre moins de vous, mon cher cousin, pour être le fils de ma bien-aimée cousine Sophie et le gendre de mon cousin David Seraine. C'est très bien cela, le cousin a épousé la cousine: je vous félicite, mon ami, vos enfants seront du pur sang des Seraines, ils en rgneront la famille. Je suis bien persuadé que votre Mère, ma cousine Sophie et votre beau-père, mon cousin David, ont éprouvée (sic) une bien grande surprise et satisfaction quand ils ont reçu ma lettre, parce que nous étions

(60). — Desembargador Polycarpo Lopes de Leo, homem de grande influência na regio. Foi sob sua direo que se abriu, em 1854, uma estrada de vinte lguas, unindo Chapada a Barra do Corda; tinha o privilgio de explorao das minas de cobr da Chapada.



des amis de notre enfance, et que nos Pères, qui étoient tous trois quasi du même âge, étoient liés d'une amitié fraternelle. Vous, et mon cousin Prosper, avez presencié (sic) à la lecture de ma lettre qui leur portait de mes nouvelles; je suis bien certain que la satisfaction a été grande, et bien sentie, je m'en fais une juste idée, par tout ce que j'ai ressenti moi-même quand j'ai reçu vos lettres. Je ne puis pas m'expliquer l'effet que m'a fait la vue des signatures de mon cousin David, et surtout celle de Sophie que vraiment, je croyais morte. Je vous assure que j'ai été plusieurs jours tombé dans une triste apathie sans pouvoir me résumer: ils me croyaient morts, ou végétant dans une infime misère, dans un coin de ce vaste monde. Grâce à la divine Providence, il n'en est pas ainsi. Votre cousin dans sa longue vie a éprouvé bien des vicissitudes, parce que la carrière des hommes, dans ce monde pervers, n'est pas une rose sans épines. Pourtant, je vous jure sur l'honneur que si j'ai quelques fois connu le malheur, je n'ai jamais connu la misère.

Il y a déjà plus de 27 ans que j'ai vu mon cousin David à Paris; mais votre Mère, il y en a 59, ou 60, parce que je ne rappelle (sic) pas l'avoir jamais vue depuis 1793 ou 94. He bien! vous mon Cher Payen, qui avez l'expérience, l'âge et l'éducation nécessaire pour apprécier les choses, et les circonstances, faites vous une idée de tout ce que j'ai pu ressentir dans ma position; je me suis trouvé comme un navire en mer, dans un orage, battu par tous les vents: mille idées, peines, plaisirs, regrets se succédoient les uns aux autres, je ne savais pas ce que j'étois, n'i (sic) ce que je devais faire, enfin, Dieu m'a permis de recevoir vos lettres, elles ont été pour moi le baume salutaire; j'ai vu avec la plus grande satisfaction que vous étiez tous établis, et heureux, j'en ai rendu grâce au Ciel.

Vous êtes le fils de ma chère Cousine Sophie, et gendre de mon Cousin David, par votre mariage, vous êtes deux fois mon cousin. Soyons aussi bons amis que près parents, ayons, ensemble une correspondance active, et suivie, Vous me répondrez à tout ce que je demanderai, j'en ferai autant à votre égard.

Je n'irai plus jamais à Conflans: l'âge, et les incommodités du mal de mer m'en empêchent, mais si Dieu me conserve la vie encore quelques années, il est certain que j'enverrai votre cousin, Jean Etienne mon fils, à Conflans pour vous embrasser tous pour moi, peut-être qu'il y restera quelques années, avec vous, mes bons amis; je crois que vous le recevrez comme si s'étoit (sic) moi-même.

Je suis bien satisfait de vous savoir tous heureux; ce bonheur, mon ami, est un don de Dieu, nous devons con-

tinuellement lui en rendre grâce, et nous recommander a sa suprême et divine protection: moi je ne suis pas riche, mais je ne suis pas pauvre, j'ai pour vivre honorablement, je désire avec sincérité être le plus pauvre des Seraines présents et à venir.

Notre cousin Gauthier n'a point de santé, c'est malheureux pour lui, et pour notre satisfaction c'est un bon enfant. Notre cousine Alexandrine a toujours été heureuse avec lui, ont-ils des enfants? Combien en ont-ils? Faites leur mes bien sincères compliments. Embrassez pour moi Alexandrine.

Vous ne me parlez pas de Trudon, n'i (sic) de sa femme ma cousine, est-ce qu'ils seraient morts? Donnez m'en des nouvelles. Desrat, et cadet Desrat sont-ils morts ont ils laissé des enfants, sont-ils mariés, que font-ils? Sont-ils heureux? Rappelez-moi à leur souvenir et parlez moi d'eux.

Votre Mère, ma cousine, a eu, me dites-vous, trois enfants, deux garçons, et une fille. Donnez moi leur noms, et vos âges, votre soeur est mariée avec Hypolite Demeuve. Je me rappelle parfaitement de lui, il étoit plus vieux que moi. Vous, mon cher Payen, vous êtes le petit fils de Mr Payen-le-Sucre, qui demeurait dans la rue de l'Etang, et moulin de Bacheret, et du moulin a vent, à main droite en arrivant sur la place de Conflans.

Vous avez un frère établi a Troyes (61), marchand de coton filé. A-t-il une filature? Fait-il filer? Achette (sic) t-il ses cotons à Paris, ou à Rouen? Quel est le prix moyen des cotons en France, soit à Rouen, ou à Paris? Informez m'en: nos cotons-ici sont égaux en qualité aux cotons de Pernambuco (62). Si je trouvois quelqu'avantage dans les prix, je pourrais en envoyer en France. Je fais cette culture en grand, c'est la principale de la feitoria nationale, comme aussi de la mienne qui se nomme en portugais Bom-lugar, en français Bon lieu.

Dites-moi où vous logez à Paris, quand vous y êtes allé; si le café de l'Aube existe toujours sur le Pont-aux-bleud et qui l'occupe? Je désire ces renseignements, vous me donnerez les noms bien exactement écrits.

Je savais que votre oncle Vital, mon Cousin, étoit mort, mais je croyais que ce malheur lui étoit arrivé dans la première jeunesse. Il étoit marié et il a laissé une veuve, et trois. Enfants. Il m'est bien agréable de les savoir établis, et heureux, assurez les de ma particuliere amitié. Je les embrasse de tout mon coeur.

(61). — Troyes, sede do Departamento de Aube.

(62). — Em 1818, R. J. de Souza Galoso defendia esse ponto de vista em tom de polémica, no capítulo "Reflexoens sobre a diferença dos algodões do Maranhão e de Pernambuco" (op cit.).

Je vois dans mon Dictionnaire Géographique Universel: Marcilli (Aube) (63) Arrondissement de Nogent-sur-Seine. Expliquez-moi cela, vous, Mr le Maire de Conflans, comment se fait-il que Marcilli soit dans l'Aube, et Conflans dans la Marne? Je ne comprends pas: plus encore, les coches vont donc aussi jusqu'à Marcilli et vous avez un chemin de fer dans vos environs? Il y a longtemps que j'ai connaissance du canal de Romilly: (64) je trouve dans mon Encyclopedie moderne par Courbin de la date de 1825. Le canal de Troyes est commencé; il a 8 lieues de développement, il contient 6 dérivations partielles, de la Seine, depuis Marcilly jusqu'à Troyes, et un embranchement de Saint-Just (65) a Anglure (66). On appelle canal Sauvage la partie comprise depuis Mery-sur-Seine (67), jusqu'au confluent de l'Aube: ces canaux sont-ils achevés? Ne m'écrivez plus de jolies petites lettres, je vous prie de m'écrire sur du grand papier à lettre, et avec supplément s'il est nécessaire; vos plus longues lettres, seront toujours exigües pour moi.

Vous par les pluies et nous par la sécheresse, nous avons fait l'an passé de mauvaises récoltes.

Votre Louis Napoléon 3 (68) est le sauveur de la France, hein?... Cela n'est pas claire? Sous un point de vue moral, le général Cavaignac (69) mérite mieux cet insigne honneur que lui, qu'a-a-t-il fait pour sauver la France? Ces coups d'Etat. Il a fait comme l'arc-en-ciel, il est apparu après l'orage, il est apparu comme un événement, ou, soutenu par un parti fanatique, il s'est montré au peuple (Comme étant le neveu du Grand-homme, de qui il ne sera jamais l'ombre) couvert des lauriers qui prétendoient (sic) au brave Cavaignac, qui s'est exposé aux plus grands périls pour sauver Paris, et la France, s'il n'avoit pas écrasé, et pulvérisé un million de canailles qui, vainqueurs, auraient pillé Paris et la France, par leur jonction avec toutes les canailles des principales villes de France. Louis-Napoléon a suivi pas à pas César, qui a été assassiné par Brutus. Il a été plus heureux que lui, il est monté sur le trône; mais s'il veut se conserver sur son trône

- 
- (63). — Marcilly-Le-Hayer, no departamento de Aube, distrito de Nogent-sur-Seine.  
(64). — Romilly-sur-seine, no departamento de Aube, distrito de Nogent-sur-Seine.  
(65). — Saint-Just-Sauvage, no departamento de Marne, distrito de Epernay.  
(66). — Anglure, no Departamento do Marne, distrito de Epernay.  
(67). — Mery-sur-Seine, no departamento de Aube, distrito de Nogent-sur-Seine.  
(68). — Napoleão III (Charles Louis Napoleon Bonaparte, 1808-1873), eleito Presidente da II República, em 10 de dezembro de 1848, restaurou o Império pelo golpe de estado de 1851, mantendo o poder até 1870.  
(69). — Quando irrompeu a insurreição de junho de 1848, o General Louis Cavaignac (1802-1857), então Ministro da Guerra, foi nomeado chefe do poder executivo, substituindo a "Comissão executiva" da II República. Restaurou o regime parlamentar, continuando como ditador temporário até dezembro de 1848, quando perdeu as eleições para Luis Napoleão. j

éphémère, il devra toujours se rappeler, que tous les jours de sa vie seront une page de son histoire, et que si jamais il tyrannise (sic) les Français, il trouvera un Brutus qui ne sera pas Romain: j'aime la France, elle est ma Patrie, je la désire heureuse. Si l'Empereur sçait faire le bonheur des Français, je prierai Dieu de le protéger, mais s'il dévie à ce principe, je désirerai que la foudre l'écrase. J'ai fermé les yeux sur le passé mais non sur l'avenir, le présent est en évidence. La Monarchie constitutionnelle représentative est le mieux combiné, et par conséquent le plus heureux. L'Empereur est le premier Magistrat de la Société; il a été élu par le peuple, son autorité en est émanée, il doit en faire usage pour le peuple; et non contre lui. Dans le siècle où nous sommes, mon cher Cousin, un Gouvernement injuste, despote, peut se maintenir plus ou moins longtemps par la ruse, et la violence: mais c'est indiquer aux opprimés l'usage funeste qu'ils en peuvent faire. J'ai lu dans les journaux tout ce que vous me dites de la machine infernale (70).

Vous êtes, mon ami, le Maire de Conflans. Cette nouvelle m'a fait bien grand plaisir. C'est une preuve irréfragable de votre mérite. Recevez, mon cher Cousin, mon bien sincère compliment, et toute la satisfaction que j'en éprouve: la population de Conflans est beaucoup augmentée, c'est un signe certain de votre bonne Administration — comme celle de la prospérité de vos habitants. Que Dieu protège Conflans tant cher a mon coeur.

Je désire savoir les noms du Maire, du Colonel, et du Curé de Villenauxe, pour curiosité seulement.

Je vous avise, et vous aviserez tous mes cousins, vous, mon bon ami, que, en Janvier prochain, j'irai à Rio de Janeiro, voir, et embrasser mon vieil, bon, vieux ami, et Compère, S. Ex. Mr le Sénateur Alencar. Je demeurerai chez lui, où je pense rester au moins six mois. C'est un voyage au mains de 800 lieues de St. Bernardo a Rio (71).

---

(70). — Expressão consagrada a partir do célebre atentado de 24 de dezembro de 1810 organizado pelos realistas contra Napoleão. Verificaram-se vários atentados por parte dos republicanos contra o novo Imperador no decorrer de 1853 (Ernest Lavisse, *Le consulat de et L'Empire*, t. III da *Histoire de France Contemporaine*, Librairie Hachette, 1921).

(71). — O vapor "San Salvador" chegou ao Rio de Janeiro no dia 13 de fevereiro, depois de uma viagem de vinte e dois dias e dezesseis horas, sendo comandante o Capitão-Tetente Antônio Carlos Figueira (*Jornal do Commercio*, 14 de fevereiro de 1854, coluna "Movimento do Porto"). Fazia normalmente esse percurso desde o Pará e portos intermediários. As comunicações regulares entre a corte e as províncias do Norte foram primeiro estabelecidas pelo decreto de 22 de abril de 1836, que aprovava o contrato, celebrado na mesma data com João Tarrand Thomaz: os paquetes a vapor partiriam de quinze em quinze dias e seriam nacionalizados como brasileiros (Coleção das Leis do Brasil, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1891).

On fait le voyage de Maranhão à Rio de Janeiro en 20 jours dans ce voyage, on visite le Ceará, Rio Grande du Nord, Pernambuco, les Alagoas, et Bahia: toutes ces villes sont des capitales de Provinces (Département). J'irai seul, ma famille restera à Saint Bernard. C'est à Rio que vous m'adresserez vos lettres sous une seule enveloppe (sic) à l'adresse suivante, ayant bien soin de faire vos lettres au moins de la dimension de ma lettre. Vos lettres tiendront sous une seule enveloppe, mais fermées et à mon adresse.

Voici l'adresse de l'enveloppe supérieure:

Illmo. Exmo. Snor.

Commendador José Martiniano d'Alencar, Dignissimo Senador de Imperio do Brasil etc.

Rio de Janeiro.

du Maire de Conflans sur Seine.

\*

\* \*

IV. — Breve carta de Jean Etienne Seraine ao seu primo Payen, comunicando-lhe sua iminente partida para o Rio e resumindo em alguns versos sua filosofia pessoal.

Maranhão, le 14 Janvier 18544.

Mon Cher Payen,

Bonjour, Santé, gaité, et prospérité je vous souhaite de tout mon coeur, non seulement à vous, mais aussi à votre Mère, ma vieille bonne amie, et à mon Cousin David, mon vieil ami, et Cousins comme à mes cousins Prospere et autres.

Je suis arrivé à Maranhão le 8 de ce mois, de voyage pour Rio de Janeiro. J'embarquerai dans le vapeur "San Salvador" de 22 ou le 23 pour suivre mon voyage. J'ai laissé à San Bernardo, la mère et les enfans en bonne santé; quand je dis la Mère, et les Enfans, je veux dire vos cousines et vos cousins, qui désirent bien vous connaître.

Moi, mes amis, je me porte toujours bien, gai et satisfait, comme peut l'être un vieux philosophe.

**Voici ma philosophie:**

Le bonheur est partout avec son héritage,  
le riche ne l'a point reçu:  
dans l'âme tranquille du sage,  
il habite avec la vertu.

L'homme vraiment heureux peut l'être sans cesse:  
aux caprices du sort il conforme son goût

il souffre la misère, il rit de la richesse,  
et sait autant jouir que se passer de tout.

Adieu, Payen, adieu, vous tous, mes bons amis, écrivez-moi souvent, vous avez mon adresse a Rio de Janeiro.

Votre Cousin, vieux et bon ami,

Jean Etienne Seraine.

Sous la même enveloppe, faites moi le plaisir d'y joindre une lettre de vous, pour Mr Alencar, où vous le remercieriez au nom de toute la famille des bontés qu'il m'a toujours prodiguées en l'assurant qu'il a en France, pour sincèr (sic), respectueux, et bons amis, la grande famille des anciens Seraine de Conflans. Je connais mon ami, Mr Alencar, votre lettre lui fera un sensible plaisir; il vous répondra. Je suis bien prolix, mon cher ami, n'est-ce pas? mais que voulez-vous, c'est la première fois que je vous écris. Elle est longue, elle vous sera peut-être fastidieuse, pourtant, je ne vous dis qu'une faible partie de ce que je prétends vous dire, ayez patience. Embrassez pour moi votre Mère, ma chère Cousine Sophie, ma Cousine, votre Epouse, et vos chers Enfants.

Adieu, mon cher Payen, mon Cousin et mon ami. Recevez, vous, ma cousine, votre Epouse, nos embrassements, portez-bien, soyez toujours heureux.

Votre Cousin et ami de coeur et âme,

Jean Etienne Seraine.

**JEAN GLÉNISSON**

da École des Hautes Études (VIème Section). Paris.